

BOLETIM

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
São Paulo - Setor de Publicações - Ano IV nº 15 Fevereiro Março de 1994

DOS SETORES

Publicações - Percurso

Os leitores mais atentos de *Percurso* já devem ter notado que, desde as últimas edições, a estrutura da organização do grupo responsável pela produção da revista sofreu algumas modificações. Existem agora, ao lado do Conselho Editorial e do Grupo Administrativo, duas outras comissões que cuidam de assuntos específicos, que são as comissões de Resenhas e de Entrevistas.

Aproveitando o espaço oferecido por este Boletim, a Comissão de Resenhas vem explicar a todos os membros do Departamento de Psicanálise seus objetivos e sua dinâmica de funcionamento. Em primeiro lugar, cabe esclarecer que sua função é a de assessorar a Comissão Editorial no item específico das resenhas que *Percurso* sempre publicou, desde a recepção e a análise das resenhas que a ela têm chegado até a uma espécie de "busca por encomenda" de resenhas de livros que tenham interesse especial para o número em questão (o leitor já deverá ter percebido também que, a partir do nº 10, sobre Ferenczi, a revista tem procurado seguir uma política de produção de números temáticos).

A Comissão de Resenhas, em um trabalho de elaboração coletiva, procurou definir para si própria e, naturalmente, para orientação do eventual colaborador o que seria sua concepção de um texto cujo objeto fosse um outro texto, isto é, um livro. É objetivo da Comissão que a resenha se configu-

re como um espaço de interlocução entre o resenhador e o autor do livro. Isto quer dizer que uma resenha não deveria ser uma simples apresentação do texto em questão. Que este apareça no texto do resenhador é imperativo e que o trabalho não se limite a esse aspecto, é desejável. A resenha deve se configurar também como uma produção de expressão e crítica de seu autor, propiciando um elo com características de debate entre autor do livro, resenhador e leitor. Que desta maneira ela não traia o texto original, é seu desafio.

Essa Comissão espera conseguir trabalhar no sentido de incentivar os membros do Departamento a exporem suas opiniões e a se manifestarem criticamente cada vez que tocados por um livro de psicanálise ou quaisquer temas de interesse que os instigue ao debate. Para tal, aproveita esta oportunidade para convidar a todos que se aproximem, enviando seus trabalhos e/ou sugestões. Estes devem ser entregues a qualquer um dos membros dessa Comissão, que são: Flávio Carvalho Ferraz, Mania Deweik, Maria de Lourdes Caléiro Costa, Maria Inês Giora, Rúbia Mara Nascimento e Wilson Klain. Os trabalhos devem ser remetidos em oito cópias e seguir as mesmas normas estipuladas por *Percurso* para envio de artigos que podem ser encontradas nos exemplares da própria revista.

Comissão de resenhas da revista Percurso

Editorial

Neste número queremos dar início a um debate a respeito do Boletim, sua função no Departamento, formas de realização e, o que esperamos, uma maior participação dos membros do Departamento nesta publicação de todos. Assim trazemos alguns pontos de vista acerca dessas questões e contamos com a chegada de outros textos para a continuidade dessa interlocução.

Além disso, temos recebido em casa, via correio, inúmeros comunicados que poderiam estar aqui reunidos. Esperamos um esforço conjunto para que esta publicação, cada vez mais, possa ser um veículo mais eficiente entre nós.

Neste ano onde a tônica está sendo refletir sobre o que vimos fazendo e apresentamos propostas para reformulações importantes no Departamento, publicamos textos sobre o Congresso Interno assim como destacamos um espaço para as correspondências que lhe digam respeito.

Ainda neste número abrimos outra seção: Teses, aonde estaremos veiculando sinopses e comentários de teses defendidas pelos colegas.

Por fim, Elisabeth Antonelli Gaiarsa, que participa deste Boletim desde o número quatorze, é agora nossa representante na Comissão Coordenadora Geral.

DOS SETORES

Clínica

Há algum tempo temos ocupado esta seção do Boletim Informativo: SETORES - CLÍNICA, para circular informações a respeito do "Projeto de Clínica Social do Instituto Sedes Sapientiae", gestado por representantes de Departamentos, Cursos e demais

instâncias atuantes no Sedes, inclusive o nosso Departamento, que foi um dos primeiros a se engajar nas discussões sugeridas pela Diretoria do Instituto em torno da sua Clínica.

Temos sempre nos denominado "Grupo de

Membros do Departamento" que trabalha no "Novo Projeto da Clínica Social do Instituto Sedes".

Tudo o que temos produzido desde setembro/92 tem sido veiculado não apenas através do Boletim Informativo, mas de circu-

lares e de reuniões com os demais setores do Departamento ou gerais, convocadas especificamente para a discussão do Projeto e dos trabalhos do Grupo.

Até o momento continuamos nos considerando Grupo de Trabalho do Departamento junto à Clínica Social do Sedes e, com isso, pretendemos esclarecer que não nos constituímos enquanto um Setor do Departamento pois a constituição de um Setor tem como pré-requisito a formulação e a aprovação, em Assembléia Geral, de um Projeto específico de trabalho, isto é, um Projeto de Clínica de Psicanálise para o Departamento, o que não temos até o momento e, se o tivermos, não poderá deixar de estar vinculado, embora mantendo sua especificidade, a este Novo Projeto de Clínica Social do Instituto, um projeto que engloba diferentes linhas de atuação em torno do sofrimento psíquico e que, segundo os princípios do Sedes, tem um caráter social mais abrangente enquanto estrutura.

Este grupo de trabalho do Departamento de Psicanálise tem contribuído de maneira bastante significativa com a concepção e estruturação desta nova Clínica. A nossa participação, orientada por nossa formação psicanalítica, tem se pautado por uma abertura à possibilidades de trabalho conjunto no que diz respeito a uma estrutura mais global de clínica. O Projeto tem como meta uma atuação mais abrangente em termos de Saúde Mental, visa ultrapassar a modalida-

de clínica - escola em direção à prestação de serviços, com um corpo de profissionais contratados, e abarca em si as diferentes clínicas específicas a cada linha de trabalho em termos de Saúde Mental que compõem o Sedes.

Estivemos informando através da circular de março/94 os últimos passos constitutivos do Projeto e temos sentido que, apesar do Instituto nos considerar representantes do Departamento junto a esta sua instância de formulação, nós como não poderíamos deixar de ser, temos nos percebido como representantes num sentido mais restrito do termo, como convém a qualquer representação que se preze, isto é, representantes de concepções partilhadas num âmbito restrito de membros (o Grupo), socializadas com outros pares em âmbitos de reuniões gerais por nós convocadas e, é claro, partilhadas num âmbito mais geral dado que pertencemos a uma comunidade de psicanalistas pautada por princípios mais ou menos comuns, embora não tão explícitos quanto gostaríamos.

Neste sentido, justifica-se a nossa denominação grupo de trabalho e não Setor, e um apontamento para o fato deste grupo poder vir a se constituir, talvez, enquanto uma das áreas de atuação de um futuro Setor Clínica do Departamento, junto de outras áreas, que poderão ser concebidas com outras pessoas interessadas na questão da Clínica, vértice fundamental da formação de psicanalistas.

Gostaríamos de informar também que estamos, à nível de grupo, realizando uma outra atividade em relação ao Departamento e ao Congresso Interno proposto pela Comissão Coordenadora Geral, que é um levantamento da história e memória do Departamento no que diz respeito à Formação e a este vértice importante que é a Clínica.

Nosso objetivo é produzir um texto a partir de entrevistas com vários membros e/ou ex-membros do Departamento, onde poderemos ter um panorama do tratamento que a questão clínica vem tendo no decorrer destes anos de curso e, posteriormente, de Departamento e com isso contribuir com o debate de idéias e as futuras perspectivas. Ainda, gostaríamos de lembrar que todo o material produzido até o momento em termos de Clínica do Instituto continua à disposição na Secretaria do Departamento, com o Rose, e que o grupo de trabalho está aberto à participação de outros membros. Contatos com Rose.

Cleusa Pavan.

Grupo de Trabalho

*Adriana F. de Bona
Claudia Monti Shonberger
Cleusa Abreu
Cleusa Pavan
David Calderoni
Maria Lucia Calderoni*

TESES

Resumo

1 - Memória e temporalidade, um estudo sobre o infantil em Psicanálise.

A finalidade do trabalho foi investigar a posição do infantil na Psicanálise a partir de sua articulação com a memória e a temporalidade. (Embora o campo da pulsão e do Édipo estejam como base de nossa abordagem, privilegiei o vértice mnêmico temporal como eixo norteador por razões que o próprio trabalho contribui para elucidar). Visava também apontar, a partir de minha própria experiência, o lugar destacado que ocupa na clínica. Muitas noções em Psicanálise tem visto seu significado banalizado ou inflacionado a ponto de não sabermos a que os analistas se referem ao utilizar determinados conceitos. O infantil muitas vezes é confundido com puerilidade, ou resquícios de infantilismo no adulto. Pretendi apontar a dimensão histórico-infantil como argamassa que permite a liga entre os diver-

sos tijolos do edifício teórico clínico legado por Freud.

Seguindo uma sugestão de Pontalis, para além da aparente obviedade do infantil na Psicanálise, optei por abordar uma "interrogação radical sobre a criança e o infantil. Para tal objetivo recorri a uma interlocução com determinados textos da obra freudiana, segundo uma cronologia que a todo momento via-se ressignificada por autores contemporâneos (Aulagnier, Green, Fedida, Viderman, Schnaider e outros) assim como pela nossa própria clínica.

Os capítulos desenvolvidos mostram até que ponto memória e temporalidade são solidários na perspectiva freudiana. O abandono do paradigma anamnésico (memória/registro/evocação) produz uma concomitante modificação subvertendo a noção linear e reversível de tempo para uma concepção na qual a irreversibilidade ganha reconhecimento. Desta forma

reorganiza-se sua concepção de memória que privilegia a simbolização à evocação. Constatamos de que modo o infantil imprime condição de possibilidades ao presente, de repetição ou de abertura. A noção de infantil assim compreendida reintroduz a perspectiva do sujeito histórico na análise, o que traz conseqüências para os diferentes modos de intervenção, resgatando a dimensão traumático-pulsional do acontecimento, colocando novas hipóteses sobre a natureza da fantasia inconsciente, tema ao qual é dedicado um capítulo.

Constatamos como simplesmente falar do infantil nada acrescenta à nossa compreensão se não diferenciamos o conceito de infantil do conceito de infância. O infantil é um conceito e ao mesmo tempo possui concretude a partir da realidade psíquica; é condicionador de efeitos no presente e passível de aceder à consciência, num movimento interpretativo construtivo no qual

possa encontrar sua condição metafórica de expressão em determinado contexto transferencial. Tanto o capítulo sobre a transferência como aquele que aborda a problemática do luto em relação à temporalidade visam ilustrar as condições de possibilidade da simbolização.

Assim, transformar a relação com o infantil não significa sua eliminação, mas permitir uma reorganização de forças para que o novo possa advir.

Bernardo Tanis
Setor Grupo de Estudos

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP., por Bernardo Tanis.

Banca examinadora: Dr. Renato Mezan (orientador), Dr. Joel Birman, Dr. Fabio Herrmann.

TESES

Comentário

2 - Memória e Temporalidade: Um estudo sobre o infantil em Psicanálise.

No final do século XIX, tendo como enigma instigador as alterações somato-psíquicas das neuroses, nasce a Psicanálise.

Durante o transcorrer do século XX o caminho pioneiro se amplia, graças ao que dele próprio vai brotando, com a clínica de crianças e com a clínica das psicoses.

Nas décadas finais do século o desafio vem se intensificando em direção à metapsicologia, reabrindo a discussão sobre conceitos básicos que, de outra forma, corriam o risco de assumir um caráter de obviedades. *Inconsciente, pulsão, afeto, palavra, transferência* vêm passando por este saudável processo vitalizante.

Neste âmbito, a tese de Bernardo Tanis, ao se propor a pensar o infantil, inscreve-se em plena contemporaneidade, não apenas pelo tema em si, como também pela forma de

abordá-lo. Logo de início o autor pergunta: "quando falamos de infantil no adulto a que estamos nos referindo?" E eis que está dado o primeiro passo - a retirada da qualidade de referente inquestionável. Logo a seguir, o outro passo. No desenvolvimento das idéias de Freud, Klein e Lacan, vai nos sendo revelado que "cada uma destas correntes concebe de modo particular a relação com o infantil".

Nada há, pois, no *infantil* que fale por si próprio, enquanto um objeto natural da Psicanálise. O *infantil* é um "ordenador conceitual" inserido numa particular concepção de inconsciente e de processo psicanalítico.

A riqueza desta tese é que nela o autor, além de realizar um trabalho de despertar adormecidos, aceitando "mexer em vespereiro" (ainda mais que o infantil vem inevitavelmente acompanhado das questões nada

tranquílias da memória e da temporalidade), não permanece em uma neutralidade de quem disserta sobre diferentes "correntes". O estudo é uma tomada de posição clara - é a expressão de como e onde Bernardo se situa no campo teórico. Um posicionamento que se mostra irrigado pela clínica ao mesmo tempo em que, por ser genuíno, irriga-a. Neste processo de assumir um lugar próprio Bernardo faz algo que é incomum na atualidade: expõe a sua clínica.

Penso que escritos como este se constituem na melhor das contribuições que estes anos de término dos 1900 podem trazer: tirar a poeira das quietudes assentadas permitindo, como consequência, que movimentações teórico-clínicas - felizmente ruidosas - possam acontecer.

Janete Frochtengarten
Setor Curso

TESES

Comentário

3 - O Trabalho da Feiticeira na Subjetividade.

Sobre o feminino, a pulsão e a potência criadora; é o nome do texto de dissertação de mestrado realizado por MARIA ANGELA SANTA CRUZ.

No texto, a autora parte de questões no pensamento freudiano sobre a feminilidade, para dirigir-se a uma problematização mais ampla sobre a subjetividade na psicanálise.

No primeiro capítulo: "Freud e o continente negro: colonizador e cartógrafo"? A autora acompanha as afirmações de Freud em alguns dos seus textos; levantando interrogações certamente de grande interesse para por em andamento a pesquisa. Entre outras: como se daria o enlace entre uma satisfação puramente auto-erótica (prazer de órgão) e

as representações psíquicas da constelação edípica? Ou também: como a distinção primária prazer-disprazer é introduzida num universo de valoração que lhe permita fazer equivaler: maior - melhor - superior - mais prazer?

Na medida que vai seguindo a leitura comentada de algumas afirmações freudianas uma inquietação vai ocupando espaço no texto. A autora se pergunta: "teria atuado Freud em relação ao continente da sexualidade feminina como um colonizador que impõe seus próprios referenciais masculinos ou teria cartografado um modo de subjetivação dominante na cultura moderna? A autora concorda com a segunda opção, e para fundamentá-la vai se aventurar a tentar dar conta de qual o lugar que os dispositivos freudianos, complexo de Édipo, complexo

de castração, inveja do penis, tem em relação à constituição da subjetividade?

O "Entreato", momento de descontração no texto, onde as polêmicas conceituais deixam lugar à narrativa. A partir de dados de livros e filmes, Angela constroi três contos, nos quais três personagens femininos apresentam-se como formas diferentes de subjetividade feminina produzidas por momentos históricos distintos. Gostaria de citar a própria autora falando deste processo: "A experiência dessa escrita é incomunicável. Tantos planos nela se entrecruzaram, fantasia, memória, conhecimento, afetos, angústia, marcas inomináveis - que foi, sem dúvida, o pedaço mais gratificante do trabalho. Sei que muito do que escrevi não foi retomado para exame. E acho que é assim mesmo que tem que ser. Certamente, muito

do que ai se produziu ficará se trabalhando em mim, ainda por algum tempo".

Este parágrafo diz muito da atitude da autora na produção do texto; não se coloca numa suposta exterioridade; pelo contrário, deixa-se atravessar pelas questões; implica-se com elas, as reconhece como algo que trabalha nela, trabalhando-as como analista.

No segundo capítulo outro caminho é aberto: a autora dialoga com algumas afirmações de Deleuze e Guattari, nos temas da produção da subjetividade e o desejo. Diálogo com um pensamento que ajuda a autora a ir modelando algumas afirmações.

O caráter histórico da Psicanálise vai sendo afirmado; diz: "... para que a psicanálise pudesse fazer sua emergência, não bastaria apenas um contexto sócio-econômico-cultural definido, mas também um certo jeito de ser sujeito."

Ao mesmo tempo que o caráter histórico da Psicanálise se afirma, uma interrogação vai se colocando com clareza: quais os pontos de intersecção e quais os pontos de rutura da Psicanálise com a subjetividade moderna?

É conduzida por esta pergunta que a autora no terceiro capítulo, retorna ao desenvolvimento freudiano, e deixando-se transportar pela leitura de alguns autores, recoloca as relações: feminino-Psicanálise (Metapsicologia) - prática analítica.

Ao nível da metapsicologia, os conceitos de potência criadora e de pulsão, lhe permitem ir se aproximando ao que é da ordem do irrepresentável e ao que resiste a inscrição na ordem da cultura.

Ao nível da clínica, vão sendo feitos apontamentos interessantes a respeito da possi-

bilidade do império do racionalismo que deixa o analista no lugar do "homem das luzes" e também em lugares nos quais o pensamento freudiano escapa totalmente ao ideário iluminista.

É um texto que se caracteriza por abrir caminhos possíveis para pensar questões certamente centrais. Por isso não foi minha intenção neste comentário fazer uma síntese, apenas assinei um fio que encontrei na leitura do texto que fez sentido para nós certamente poderiam se achar muitos outros.

Vejo o maior valor deste trabalho na forma em que a autora vai a busca; se implica com as questões e vai avançando, abrindo trilhas novas para trabalhar. Esta forma vai permitindo que polêmicas certamente importantes ocupem a cena do texto com muita força de atualidade. Penso por isso que sua leitura pelos membros do Departamento poria em andamento discussões muito importantes.

Penso que a melhor forma de reconhecer o trabalho de um colega é dizer que este nos estimulou a pensar, e ir acrescentando elementos que nos permitam reconhecer e recolocar as questões. Gostaria de trazer um aporte para isso através de uma citação de Laplanche: "O estruturalismo laciano encontra sua origem num certo estruturalismo freudiano. Os seus pontos capitais são a primazia do falo e a lógica binária; esses pontos estão amplamente acentuados em Freud, antes de serem assimilados no estruturalismo laciano à estruturação binária de toda comunicação segundo os modelos linguísticos saussurianos. Freud não é único; estas falsas vias encontram vias colaterais que é importante que sejam explora-

das. A via que vem se opor a via estruturalista no seio mesmo do Freud é a *experiência clínica do inconsciente*". Para afirmar mais na frente: "Contra Freud, eu afirmaria, que a castração não é o núcleo do inconsciente, que o Édipo não é o núcleo do inconsciente, que o inconsciente não é linguagem e não é estrutura; tanto em Freud quanto em Lacan, achamos indicações inversas: em Freud a noção de representação de coisa e em Lacan a categoria de significante".

Parece-me uma colocação interessante para continuar à pensar algumas das interrogações da autora; e para pensar como os recortes diferentes na obra de um autor levam a conclusões distintas.

A leitura do trabalho me deixa pensando na posição dos analistas contemporâneos que partindo das questões da clínica (não querendo fechar-se num dogmatismo de escola), tentam dialogar com pensamentos de diferentes autores, deparando-se com grandes dificuldades. Em primeiro lugar porque esses pensamentos não são blocos monolíticos, portanto há que fazê-los trabalhar no interior de suas contradições e impasses.

Também porque não é fácil explorá-los de forma a não negar as diferenças mas ver onde certos pontos de aproximação podem enriquece-los.

Apesar das dificuldades acho que é um desafio que vale a pena.

1. "Algumas falsas vias do freudismo Jean Laplanche". *Revista trabajo del Psicanalista*; 11-12.

Silvia Leonor Alonso Esposito

PONTO DE VISTA

Pesquisa: Comissão Coordenadora Geral

Na elaboração da resposta à pesquisa realizada pela Comissão Coordenadora Geral, formulei uma sugestão que agora proponho para debate mais amplo através deste Boletim. Reproduzo-a, portanto:

"Que revisemos nossa estrutura, que se pretende - sem sucesso, em minha opinião - não hierarquizada. Considero que a divisão dos membros do Departamento em membros professores e membros alunos/ex-alunos seja não apenas relativa a uma complementaridade de funções dentro de um Setor, mas uma categorização carregada de implicações importantes. Importantes, basicamente, por caber exclusivamente aos membros professores a decisão sobre a inclusão de novos membros (como alunos ou como professores), assim como sobre o lugar que

cada um ocupará entre estas duas possibilidades.

Eu pensaria numa revisão disto, que avalio como uma pseudo-horizontalidade no Departamento. Pessoalmente, considero improvável - e mesmo indefensável - a abolição da hierarquia numa estrutura onde experiência e competência não podem deixar de ser, no mínimo, extremamente relevantes. Ao mesmo tempo, parece-me inegável que têm sido estes os critérios que têm regido a admissão de professores. Apenas não penso ser razoável que o exercício da função de professor e/ou supervisor dentro de um dos setores permaneça critério necessário e suficiente para o exercício da seleção de todas as pessoas que poderão pertencer ao Departamento. Se esta for a

visão da maior parte dos membros do Departamento, penso que então temos como tarefa construir uma estratificação que corresponda às nossas concepções, explicitando os critérios que nos permitem sustentá-la.

Parece-me portanto essencial procedermos a uma reavaliação do nosso funcionamento dito não-hierarquizado, e penso que o Boletim poderia ser um dos veículos mais adequados para a expressão dos posicionamentos existentes sobre esta questão; pessoalmente, eu gostaria muitíssimo de conhecer o que se pensa sobre ela no Departamento".

Lia Pitliuk
Setor Grupo de Estudos

PONTO DE VISTA

Boletim: Produção e Objetivos

Nestes três anos de Boletim, algumas idéias acerca de sua produção e objetivos tenho tido como norte. Venho aqui compartilhá-las com o intuito de iniciar um necessário debate em torno dessa publicação.

Entendo o Boletim como um espaço de interlocução e, para efeito de descrição, uma vez que em muitos momentos essas coisas se misturam, ressalto aqui o que penso ser suas duas vertentes principais. Uma que se caracteriza pela informação aos membros do Departamento de Psicanálise e alunos do curso, acerca dos trabalhos realizados por seus membros nessa instituição ou fora dela. E uma segunda que se

constitui num possível lugar de escrita (sujeita) desses mesmos membros.

Lugar de escrita e a possibilidade que oferece de expor, compartilhar, trocar, debater idéias com o coletivo do Departamento. Idéias estas que tantas vezes só circulam entre pares, perdendo aí a força que teriam enquanto desenvolvimento do Departamento.

Que hajam divergências - claro! Aliás, até muito desejável. Que sejam pois formuladas em pontos de vistas, idéias para o debate. Que a elaboração que a escrita permite possa estar a serviço de um debate cada vez mais fértil em torno de idéias tanto a respei-

to de teorias e clínicas psicanalíticas, quanto a respeito dos ritmos, desenvolvimentos desse Departamento.

Penso que a efetivação deste projeto - a meu ver, peça importante para o fortalecimento das relações e realizações em nosso departamento - deixa ainda muito a desejar. Acredito que (re)pensados e melhor equacionados alguns entraves importantes na vida desse Departamento, este espaço de interlocução possa ser melhor habitado.

Maria de Lourdes Caleiro Costa
Setor Publicações

REPORTAGEM

Mesa Redonda: "O Departamento e o Curso na Formação de Psicanalistas"

A. Proposta

A Revista *Percurso* organizou uma mesa redonda com o tema "O Departamento e o Curso na formação de psicanalistas" no dia 24/03/94. Para compor a mesa redonda foram convidadas Ana Maria Sigal, Cleide Monteiro, Luis Carlos Menezes e Ralva Mara Nascimento. O debate teve como objetivo organizar o próximo número da Revista e servir de preparação para o Congresso Interno do Departamento que se realizará em junho de 94. Foram convidados todos os membros do Departamento e alunos para participarem efetivamente do debate. Foi enviada uma circular com propostas, das quais algumas se seguiram, para discussão o que deu possibilidade para que cada um se preparasse antecipadamente. A questão eixo foi o tripé análise pessoal, supervisão, estudos teórico-clínicos e o

valor de cada um destes na formação. Outros temas: critérios para aceitação de um candidato para o curso, formas de avaliação, contratação de novos professores, nosso curso em relação a outros cursos, o lugar do Departamento na formação, a questão do reconhecimento. Por fim as leituras que se privilegiam durante o curso.

B. Breves Pinceladas

ANA M. SIGAL abriu os trabalhos comentando sua própria inserção no Departamento e enfocando o tema formação alternativa e alternativa de formação.

CLEIDE MONTEIRO fez um breve histórico a partir de sua inserção primeiro como aluna, depois como professora desde 1980-1981. Retoma o ano de 1985, que marca o surgimento do Departamento e seus principais moldadores que implicavam uma de-

terminada ideologia.

RUIHA MARA NASCIMENTO, aluna do 4º ano, enfatizou a questão da necessidade de um acompanhamento mais efetivo dos alunos no processo de formação.

LUIZ CARLOS MENEZES falou sobre a questão do INCONSCIENTE na formação do analista, na necessidade do analista desenvolver uma espécie de aptidão para isso e, ao limite, propôs uma espécie de um "não curso", como definiu posteriormente Isabel Villutis.

A discussão passou pelos seguintes temas: ideologia e psicanálise; psicanálise e formação acadêmica; a importância da experiência clínica; ideologia e mercado e suas injunções na formação do psicanalista.

Elizabeth Antonelli Gaiarsa
Setor Publicações

CONGRESSO

Informações e Resultado de Pesquisa

1 - Congresso

Dando prosseguimento ao processo de preparação do Congresso Interno do Departamento, a Comissão Coordenadora Geral realizou duas reuniões que consistiram em a

presença de mais um membro dos setores enriquecendo as discussões e contribuindo para a melhor organização desse Congresso.

Participaram de suas reuniões: Cleusa Abreu

(Grupo Clínica), Eva Wongtschowski (Boletim), Janete Prochtengarten (Curso), Lillian Quintão (Eventos), Mania Deweik (Percurso) e Sônia Rio Neves (Boletim). As próximas reuniões estão previstas para abril.

As principais deliberações são as seguintes: o Congresso Interno, será realizado no Sedes Sapientiae em duas etapas,

Etapa	Data	Tema
1ª	18 de junho	Ser psicólogos (formação, atuação, pertencimentos)
2ª	17 de setembro	Ser psicólogos deste Depto. (formas de organização e de gestão)

Inscrição de Trabalho 1ª Etapa: até 16 de maio

Pesquisa Perfil do Departamento de Psicanálise

Com o objetivo de conhecer a imagem do Departamento, expectativas e opiniões entre alunos, professores, ex-alunos foi realizada uma pesquisa. Esta já havia sido programada na gestão anterior que elaborou o questionário. A atual Comissão Coordenadora Geral enviou o questionário a 384 membros e não membros do Departamento, fez a tabulação das respostas e a análise dos dados aqui apresentados. Consideramos que estas reflexões podem contribuir para a elaboração de textos e para os debates do Congresso Interno.

Quem respondeu...

Das 384 questionários enviados a membros e não membros do Departamento retornaram 72 respostas, o que corresponde a 18,75%. Destes, 41 ou 57% foram respondidos por membros e 31 ou seja 43% por não membros. Quarenta e um (41) respondedores trabalham em algum setor. Os setores com maior participação nas respostas foram: Grupo de Estudos, Saúde Mental e Instituições e a Revista *Percursos*. Tomando como indicador de participação o fato de responder e enviar o questionário. Quarenta e quatro por cento (44%) dos entrevistados participaram da Assembleia de formação do Departamento em 1985/86. Quarenta e sete por cento (47%) afirmam conhecer os estatutos. Entre os 72 respondedores 10 são alunos do curso, 6 professores e os restantes 56 na maioria são ex-alunos do curso.

Essa distribuição indica a existência de interesse nos assuntos do Departamento mesmo daqueles que não são membros. Este dado sugere a necessidade de um trabalho no sentido de ampliar a pertinência ao Departamento.

Sobre a questão da pertinência, o custo das mensalidades e "dificuldades - para vincular-se a algum setor" foram as causas mais apontadas como obstáculos pelos não membros.

Em porcentagens, o número de professores que responderam o questionário representa 33% do total de professores do curso. Os 10 alunos representam 10% do total de alunos. Os 41 membros que responderam a pesqui-

sa representam 26% dos 156 membros do Departamento.

No total da mostra de 72 respondedores as porcentagens são as seguintes:

Ex - alunos	56	77%
Alunos	10	14%
Professores	6	8%
Total	72	100%

Opinião sobre o Departamento e suas atividades

Cinquenta respostas, (69%) dizem apreciar o Departamento pelas conferências, seminários e eventos que promove. Quarenta e duas ou (58%) se referem ao espaço de produção e reflexão teórico-clínica. Trinta e oito ou (53%) consideram "espaço de pertinência e reconhecimento e 10 (13,8%) encontraram nele "oportunidades de trabalho remunerado".

Consoante com estas opiniões, as atividades que têm maior conhecimento e/ou participação são as conferências e mesas redondas com 60 (83%), a revista recebeu 54 (75%), o espaço aberto 36 (50%), o Boletim 42 (58%).

Atividades promovidas pelo Departamento que você conhece ou das quais participa:

Conferências, Mesa Redonda	60
Revista Percursos	54
Boletim	42
Espaço Aberto	36
Jornadas	26
Assembleias	24
Supervisão p/ Prefeitura	17
Supervisão p/ Estado de SP.	17
Clínica	17
Grupo de Estudos auto geridos	12
Grupo de Estudos que funcionam em outras Instituições (Ex.: Londrina/Barrington)	12
Grupo de Estudos dirigidos	11
Mural	8

Se consideramos estas respostas conjuntamente, podemos dizer que a imagem do Departamento é de "espaço/travessia de conhecimento". Há que lembrar que as respostas foram estimuladas, isto é, as alternativas foram apresentadas no questionário.

Expectativas

As respostas à pergunta nº 9, "Que expectativas você tem em relação ao Departamento", apontam a promoção de interlocção e atualização teórico-clínica, assim como aprimoramento da formação e produção teórica, divulgação da produção intelectual dos mesmos ou seja "como espaço de pertinência e reconhecimento". Algu-

mas respostas questionam o critério de pertinência somente pelo pagamento da anuidade, preferem condicioná-la a participação em alguma atividade dos setores.

Embora o questionário não tivesse nenhuma questão relacionada a critérios de pertinência, esta questão foi apontada em dez respostas, merecendo pois uma reflexão. Algumas respostas consideram necessário que o Departamento "clareie seu perfil teórico ideológico". Aparecem ainda como expectativas uma maior comunicação entre os setores e a ampliação de atividades para cidadãos do interior.

Que o Departamento consiga "delinear um percurso para a pertinência e reconhecimento dos psicanalistas que forma" é outra das questões apontadas.

Sobre a forma de gestão

As respostas à pergunta 13 "sugestões sobre a forma de gestão do Departamento" foram agrupadas nas seguintes categorias:

- 1) Representação por chapas com programas específicos e projeto científico12
- 2) Manter a gestão por representantes de setores e maior reconhecimento da Comissão Coordenadora Geral ...06
- 3) Mais autoridade para a Comissão Coordenadora Geral06
- 4) Maior relacionamento entre os setores05
- 5) Co-gestão com os alunos04
- 6) Maior participação dos membros do Departamento04
- 7) Maior agilidade nas decisões02
- 8) Diminuir a burocracia01
- 9) Esclarecer a relação com a Instituição "Sedes"01
- 10) Que o curso seja a única via/entrada ao Departamento01
- 11) Não sabe11

Sugestões para aprimorar o Departamento

a) A estrutura administrativa

Somente onze pessoas responderam a esta questão, em contraste com as expectativas e idéias sobre a forma de governo. As respostas giram em torno de questões genéricas: agilizar, informatizar, comunicação mais eficiente, independência da estrutura do Sedes, mais uma secretária e um computador só para Percursos...

b) Setor de Eventos

A maioria das respostas se refere a "ouvir a sugestão dos membros e alunos sobre os temas de interesse". Alguns sugerem mais frequência, mais temas sobre psicanálise infantil e adolescentes e publicação do material das conferências.

1) Comissão Coordenadora Geral

As poucas respostas, 8, referem-se a necessidade de maior reconhecimento da C.C.G. como órgão deliberativo, maior interação com os membros do Departa-

mento.

Comunicação

A correspondência enviada aos membros e alunos tem sido recebida regularmente. To-

dos afirmaram receber o Boletim e a divulgação dos eventos, 48 entre os 72, recebem a revista *Percursos*.

Comissão Coordenadora Geral/93/94

CONGRESSO

Nova Estilo

2 - Congresso

A reunião da Comissão Coordenadora Geral do dia 07/03/94 contou com a presença de vários membros dos setores (além dos representantes) convidados a participar a fim de que alguns itens da organização do Congresso Interno pudessem ter uma discussão mais ampliada; esta solicitação foi ao encontro não só de uma necessidade da C.C.G. como favoreceu os trabalhos incluindo outros pontos de vista e incrementando o intercâmbio entre os Setores e a C.C.G.

Observamos outro estilo de Comissão se constituindo: a própria forma de organização do Congresso revela possibilidades ou-

tras de interação no Departamento. Um novo momento.

Outro desdobramento desta forma de funcionamento é o convite para escrever: todos os trabalhos serão aceitos e são de responsabilidade do autor; a seção "Poster" inova, na medida em que abre espaço para sugestões e opiniões que podem ser apresentadas de forma simples e esquemática, sem requer a elaboração de um trabalho. "Pequenas idéias" no formato podem ser grandes nos resultados.

Como foi divulgado na Circular 01, enviada em 18/01/94, o Congresso Interno será realizado em duas etapas: a primeira - "Ser Psicanalista" será realizada em 18/06/94 e a segunda "Ser Psicanalista desta Institui-

ção" em 17/09/94. O sentido deste intervalo é permitir a elaboração das questões levantadas e discutidas na primeira etapa e que este material possa subsidiar os trabalhos a serem enviados à segunda etapa. O envio dos trabalhos (até 16/05/94) é que fará do Congresso uma realidade.

O Congresso Interno deve ser um marco na história do Departamento e ocorrerá no ano em que comemoramos 10 anos de funcionamento. Os rastros deixados pela Jornada de 1992 foram seguidos, atualizados e transformados em um novo caminho.

Sônia Neves

Setor Publicações

CONGRESSO

Sugestões Bibliográficas

3 - Congresso

Sugestões de consulta na elaboração de textos para o congresso interno do departamento de psicanálise

Disponíveis na secretaria do departamento para cópia.

Da Revista Percursos

- M. FUKS - "PARA UMA HISTÓRIA DO CURSO DE PSICANÁLISE" Nº 1
- R. CHNAIDERMAN - "POLÍTICA DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE" Nº 1
- B. TANIS - "CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO PSICANALÍTICA" Nº 1
- L. MENEZES - "NOTAS SOBRE A SUPERVISÃO" Nº 1
- J. NOBREGA - "O QUE É SER PSICANALISTA?" Nº 3
- L. HONKSTEIN - "LEITURA DE

FREUD" Nº 3

- D. ROPA - "AS TRÊS DIMENSÕES DA SUPERVISÃO" Nº 96
- G. REINOSO - "POSIÇÃO ÉTICA MÍNIMA: FAZER VALER AS IDÉIAS, APESAR DAS RESISTÊNCIAS" Nº 7
- C. HIRCHIZON - "INSTITUIÇÃO, FORMAÇÃO - PSICANÁLISE" Nº 9
- SETOR SAÚDE MENTAL E INSTITUIÇÕES - "PSICANÁLISE E INSTITUIÇÃO - HISTÓRIA DE UMA EXPERIÊNCIA" Nº 10

3 Textos em francês:

CENTRE DE FORMATION ET DE RECHERCHES PSYCHANALYTIQUES

- Enseignements - 1992/1993
- Administration Statuts Règlement Intérieur

HISTOIRE EN FRANCE DE LA "FORMATION LA PLUS APPROPRIÉE..."

Coletânea de Revistas Percursos (nº 1 ao nº 11)

Coletânea dos Boletins Informativos do Departamento (nº 1 ao nº 14)

Estatutos Princípios e Finalidades do Regulamento Interno do Departamento de Psicanálise.

Psicanálise e Instituição - vários autores do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Sugestões de textos para consulta não disponíveis na secretaria:

- Conrad Stein - "O psicanalista e seu ofício"
- E. Roussang - "Um destino tão lucreto"
- Serge Leclair - "Um encantamento que se rompe, questionamento sobre o feitiço analítico"
- E. Roudinesco - "História da Psicanálise na França" Cap. 2 sub-tópico 2 e 3.